

COMENTÁRIO BÍBLICO

3º Domingo depois da Páscoa – Ano A

Domingo do Bom Pastor e das Vocações

03maio2020

Atos 2, 42-47; Salmo 100; 1 Pedro 2,19-25

S. João 10,1-10

¹Jesus continuou: «Ouçam com atenção: aquele que não entra no curral das ovelhas pela porta, mas sobe por outro lado, é ladrão e salteador. ²Aquele que entra pela porta é o verdadeiro pastor das ovelhas. ³O guarda abre-lhe a porta, as ovelhas conhecem a sua voz, ele chama cada uma delas pelo seu nome e leva-as a pastar. ⁴Depois de as tirar a todas do curral, vai à frente e elas seguem-no, porque conhecem a sua voz. ⁵Se fosse um estranho, já não o seguiam, mas fugiam dele, porque as ovelhas não conhecem a voz dos estranhos.»

⁶Jesus apresentou-lhes esta parábola, mas eles não compreenderam o que ele queria dizer.

⁷Por conseguinte Jesus continuou: «Em verdade vos digo, eu sou a porta por onde entram as ovelhas. ⁸Aqueles que vieram antes de mim foram ladrões e salteadores, mas as ovelhas não fizeram caso deles. ⁹Eu sou a porta. Aquele que entrar por mim salva-se. É como uma ovelha que entra e sai do curral e encontra pastagens. ¹⁰O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir. Eu vim para que as minhas ovelhas tenham vida e a tenham em abundância.

1. A imagem do ‘pastor’ e das ‘ovelhas’ é bem característica do Antigo Testamento e, até, podemos dizer, património literário do Oriente. Abraão (o pai das três religiões monoteístas: judeus, cristãos e muçulmanos), José do Egito e Rei David na sua juventude foram pastores. Também os Profetas Jeremias, Ezequiel e Zacarias referiram os Reis de Israel como Pastores daquele Povo, criticando e ameaçando aqueles “*que se apascentam a si mesmos*” (Ezequiel 34, 2). Isto é, o Povo de Israel, no seu início, era um povo nómada, um povo que entendia a vida como caminho¹, e que, portanto, seguia os seus pastores.

Nos Evangelhos, Jesus usou a figura do pastor/rebanho na parábola da ovelha perdida (S. Lucas 15, 4-6), da separação entre as ovelhas e bodes (S. Mateus 25, 33), e no texto do evangelho de hoje, porque falava não para a humanidade mas para um povo concreto, com uma história, uma religião e uma cultura. Era natural, portanto, que no seu ensino através de parábolas procurasse captar a atenção dos seus ouvintes usando imagens que, em termos religiosos, lhes eram familiares. E isso fez da figura do ‘Bom Pastor’ um dos temas iconográficos mais antigos do cristianismo.

2. No Evangelho que hoje nos é proposto Jesus explica como tem de ser a relação entre os dirigentes religiosos (os pastores) com a comunidade religiosa (as ovelhas) numa espécie de catequese de teologia moral e pastoral. O pastor “*chama cada uma*” das ovelhas “*pelo seu nome e leva-as a pastar*”. Isto é, o pastor é o que conhece as ovelhas não para usá-las de acordo com as suas apetências e possibilidades, sem demais, – critério da eficácia – mas para saber-lhes as necessidades e ajudar a superá-las – critério da misericórdia. É aquele que as identifica pelo seu nome, acompanha, cuida e, se for preciso, enxuga as lágrimas. É o que vai à frente a descobrir bons pastos, mas sempre com o olhar atento aquelas que têm dificuldades em acompanhar o andamento do rebanho. Numa palavra, o(a) pastor(a) vive e atua perante as

suas ovelhas de coração aberto e conforme à humildade e serviço deixados como exemplo no lava-pés (S. João 13, 2-17). Tal modo de proceder confere felicidade ao pastor e vida às ovelhas (v^{os}. 10 e 17).

3. Embora pareça um pouco estranho, no contexto atual de sociedades religiosamente acomodadas, o povo cristão, na senda da herança de fé recebida do povo judaico, assumiu desde os primeiros tempos a sua condição de ‘povo itinerante’, um povo que segue os seus pastores. No entanto, Jesus explica que os seguem “*porque conhecem a sua voz*”. Isto é, ‘ser ovelha’ implica uma condição que não é propriamente a de seguir cegamente o pastor, mas a de fazê-lo porque se conhece a sua voz. Então, torna-se necessário perceber que ‘ser ovelha’ exige atenção e espírito crítico perante a voz do pastor a par de uma relação de confiança que providencia bem-estar no rebanho. Nesse sentido, e depois, Jesus declara “*Eu sou a porta. Aquele que entrar por mim salva-se. (...) encontra pastagens*”. Ele é o ‘Pastor’ e também a ‘Porta’, a entrada para o redil. Só Ele pode penetrar no que é específico da existência humana. Por isso, Jesus é o prumo da relação entre o pastor e as ovelhas, sem autoritarismos nem subserviências, a abertura por onde passa o olhar amoroso de Deus que gera o pasto abundante e fresco para o seu povo (Salmo 100,3). E, assim, só por Ele se encontra ‘vida abundante’, plena de sentido, forjada na fé confiante, porque o Senhor “*permanece fiel para sempre*” (Salmo 100, 5).

4. Ao entrar na segunda fase do itinerário existencial que o COVID19 nos está a impor – a da abertura para a retoma da atividade económica – procuremos assumir a natureza de ovelhas. O caminho que nos é proposto está cheio de interrogações sem resposta, anuncia-se nebuloso e incerto. Então, confiemos no ‘Bom Pastor’, que sempre nos acompanha e conhece pelo nome, e é também a ‘Porta’ do redil, que nos conforta e segura. Por isso lhe reconhecemos a ‘voz’. E, a partir daí, com singeleza e humildade, tentemos olhar aquilo que tem sido a realidade da nossa vida. Vida com sentido ou vida sem sentido? Temos de assumir que “Nós somos também um segredo para nós mesmos e temos de aceitar-nos assim. Somos um enigma, uma pergunta e temos de aceitar isso. Caso contrário não teremos paz”ⁱⁱ.

A partir de agora passamos do estado de confinamento – em que nos escondemos do vírus – ao do enfrentamento do vírus, muito mais exigente, pois, vamos expor-nos a espaços e ajuntamentos onde a possibilidade da ser infetado(a) é muito maior. Como ovelhas atentas e conscientes de que pertencemos a um ‘rebanho’ (a sociedade em que vivemos) precisamos de refletir sobre as nossas formas de existir e de nos relacionarmos, de mudar de hábitos, de sair da nossa esfera individual (o que é melhor para mim) e a estar abertos ao interesse do coletivo. Assim, viveremos a vida abundante que Jesus nos trouxe e sentiremos a alegria do salmista: *Cantai ao Senhor com entusiasmo. Porque o Senhor é bom!* (do Salmo 100).

+ Fernando
Bispo Emérito da Igreja Lusitana

ⁱ José M. Castilho, “La Religión de Jesús”, Editorial Desclée, Pag 218

ⁱⁱ José Tolentino de Mendonça, “Uma beleza que nos pertence”